

Configurações da incubação em economia solidária: trajetória e desafios da incubadora tecnológica de empreendimentos populares e solidários da Universidade Federal do Cariri

Victoria Régia Arrais de Paiva¹

Gil Célio de Castro Cardoso²

Resumo: Este texto reconstrói a trajetória e aponta os desafios da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários da Universidade Federal do Cariri, com o objetivo de identificar as especificidades teórico-metodológicas e os principais impactos de suas ações. A incubação em Economia Solidária guarda uma singularidade, pois atua na assessoria aos empreendimentos com vistas à geração de trabalho e renda, fomentando a autogestão. Com base nesses pressupostos, inscrevem-se as seguintes questões: Quais as características dos processos de incubação realizados pela Iteps? De que forma a incubação em economia solidária colabora com o desenvolvimento dos empreendimentos? Para tanto, foi constituída uma pesquisa participante, consubstanciada num estudo de caso, qualitativo e descritivo, que analisou documentos e entrevistas. A organização dos achados de campo considerou a sistematização de experiências e a análise de conteúdo. Os resultados indicam que os processos de incubação adotam os princípios da educação popular freireana, ampliando o acesso a conhecimentos, às tecnologias sociais, parcerias etc. Assim, mesmo com limites, a incubação impulsiona a sustentabilidade dos empreendimentos.

Palavras-chave: Incubadoras; Economia Solidária;; Trajetória institucional; Educação popular; Sustentabilidade

INTRODUÇÃO

Considerando a emergência das Incubadoras Tecnológicas de Economia Solidária no contexto dos desafios no mundo do trabalho contemporâneo, em meados dos anos de 1990, e sua relevância como disseminadoras de processos inovadores diante do aprofundamento de desigualdades diversas, conforme argumenta Dagnino (2012), o presente texto compartilha os achados iniciais de uma pesquisa em andamento, cujo foco é refletir sobre a incubação de empreendimentos econômicos solidários, buscando identificar as especificidades teórico-metodológicas concernentes aos processos de incubação realizados pelas ITCPs no Ceará, avaliando os impactos de suas ações à luz da recomposição de suas trajetórias.

Para consecução do objetivo geral, será adotado a seguinte trilha expositiva: de início, recupera-se o contexto sócio-histórico que possibilitou a emergência das incubadoras de empreendimentos solidários no Brasil; na sequência, apresenta-se a trajetória institucional da Iteps/UFCA e, por fim, será feita uma apreciação das ações realizadas pela Iteps/UFCA, indicando os principais frutos resultantes das referidas ações.

Do ponto de vista teórico, toma-se como base os referenciais da avaliação de impactos, segundo Arcoverde e Albuquerque (2008), sendo a trajetória institucional um recurso heurístico proposto por Gussi (2008), defendendo os ideais de uma avaliação em profundidade das políticas públicas, em sintonia com Rodrigues (2008).

¹ é doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA), lotada no Centro de Ciências Sociais Aplicadas e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (Proder). Colabora na coordenação da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários (ITEPS) da UFCA. Atualmente, faz estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: victoria.arrais@ufca.edu.br

² é Doutor em Ciências Sociais (Desenvolvimento Regional), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Realizou estágio de pós-doutorado no Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine da Université Paris III (Sorbonne Nouvelle) e no Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Atualmente é professor associado da Universidade de Brasília, exercendo lotação provisória na Universidade Federal do Ceará. Docente do Programa de Avaliação de Políticas Pública da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: gilceliodecastro@gmail.com.

Por incubação em Economia Solidária incorpora-se o referencial desenvolvido por França Filho e Cunha (2009), que consideram as especificidades desta forma de incubação, distinguindo-as das incubadoras de empresas. Assim, as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPS), cumprem relevantes papéis, conforme destacam os autores:

[...] primeiramente, elas capacitam os empreendimentos, tirando muitos deles da informalidade e da precariedade e propiciando uma renda digna a seus participantes. Um segundo papel é o de articular novas políticas públicas no campo da geração de trabalho e renda. Já um terceiro relaciona-se ao processo de organização das próprias ITCPS, que vêm se congregando em torno de redes nacionais, dando consistência à proposta e suporte à própria dinâmica de organização política das práticas de economia solidária (FRANÇA FILHO E CUNHA, 2009, p. 224).

O percurso investigativo na Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários da Universidade Federal do Cariri parte das seguintes perguntas: quais as características dos processos de incubação realizados pela Iteps/UFCA? Em que medida a incubação em economia solidária colabora com o desenvolvimento dos grupos/empreendimentos incubados?

Um primeiro ponto a salientar é a complexidade inerente ao campo teórico da avaliação de políticas públicas, principalmente, pela sua característica inter e multidisciplinar, que abrange a articulação de diversas áreas do conhecimento, que vão desde as Ciências Sociais às Ciências Exatas, transitando pela Arquitetura, Economia, Geografia, Educação, Saúde, entre outras. Portanto, a definição de um modelo avaliativo não é tarefa das mais simples.

Desse modo, a definição de avaliação aqui adotada está assentada na pesquisa social e priorizou métodos qualitativos. Conforme argumentam Arcoverde e Albuquerque (2016) esta modalidade de pesquisa guarda aderência às avaliações de impactos porque preza pela contextualização dos fenômenos sociais, incorporando distintas dimensões da realidade social. Outro ponto nodal é definir as diferenças entre efeito e impacto. Nas palavras das autoras, citando Roche (2003, p.37): “o impacto expressa mudanças efetivas e/ou significativas na vida das pessoas em decorrência de determinada intervenção, experiência ou prática social. Ou seja, mudanças que não ocorreriam sem as ações das incubadoras. No caso da pesquisa em tela, assumimos o termo configurações (anunciado no título), relacionando-o às particularidades dos impactos (“frutos”), considerando os dados da pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

Nesta perspectiva, foi constituído um estudo de caso (YIN, 2005), de caráter descritivo e qualitativo, com o emprego das técnicas de análise de documentos (atas de reuniões, relatórios etc.) e de registros orais e escritos das entrevistas realizadas em diversas rodas de conversa ocorridas nos processos de acompanhamento dos grupos/EES incubados entre 2016 e 2018. Incorpora, ainda, os subsídios da pesquisa participante, conforme Brandão (1999) e organiza os achados da pesquisa considerando a análise de conteúdo, desenvolvida por Bardin (2011) e a sistematização de experiências, segundo Holliday (2014), que preconiza a construção coletiva de conhecimentos entre os interlocutores da pesquisa.

Para iniciar essa jornada, a seção a seguir apresenta o contexto de criação das Incubadoras de Economia Solidária no Brasil.

O CONTEXTO DE EMERGÊNCIA DAS INCUBADORAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Para argumentar sobre a singularidade da incubação em Economia Solidária nada melhor do que começar destacando as bases conceituais dessa práxis educativa, nesse espaço-tempo em que

o mundo está imerso em tantas transformações, carecendo de esperança e de utopias em meio à pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid19), que já matou mais de 1 milhão de pessoas em todo o mundo, sendo mais de 155 mil no Brasil, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde (de outubro de 2020).

Tais processos de mudanças atingem diversas dimensões da realidade e, sobremaneira, o mundo do trabalho, desestruturando-o, e são resultantes das constantes crises inerentes à economia capitalista, que repercutem em vários sentidos da vida social, no meio ambiente, na política e também impactam as relações de trabalho. Se, por um lado verifica-se as várias possibilidades alcançadas pelo conhecimento científico e pelos avanços tecnológicos, por outro, tem-se uma enorme desigualdade social, que marginaliza uma parte significativa da população.

O Brasil dos anos 1990

Dados recentes sobre o aumento das desigualdades publicado pela Oxfam, na Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, constatou que 1% da população brasileira detém quase 30% da renda do país, e que os 5% mais ricos da população recebem por mês o mesmo que os demais 95% juntos. Ademais, em 2019, a estagnação econômica fez o Brasil cair para a 9ª posição no ranking global de desigualdade de renda.

Olhando um pouco mais atrás, no final dos anos de 1980, observa-se um cenário bastante semelhante, de expansão dos ideais do neoliberalismo, que encontrou terreno fértil no Brasil nos anos de 1990, principalmente nos governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Acrescente-se a esse cenário o desmonte de empresas e órgãos estatais, bem como das universidades públicas.

É nesse contexto, conforme Singer (2002), que emergem as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPS), no final da década de 1990, vinculadas às universidades brasileiras (na maioria, públicas), visando o apoio e a disseminação de experiências em Economia Solidária. Em geral, as incubadoras têm se caracterizado como programas de extensão interdisciplinares, que atuam envolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão.

Ainda compondo as particularidades das ITCPs, é relevante salientar que embora a sigla mencione a incubação de “cooperativas populares”, tais processos podem ocorrer com diversos tipos de grupos, denominados de empreendimentos econômicos solidários, conforme tipologia definida por Gaiger (2002). Ou seja, fazem parte desse rol associações de produção e comercialização, grupos informais, bancos comunitários, entre outros.

Segundo Santos e Cruz (2008) a primeira ITCP surgiu na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), num dos centros de pesquisa da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE), em 1996, coordenada pelo professor Gonçalo Guimarães. Desde então, a proposta seguiu inspirando outras incubadoras noutras universidades do país.

Seguindo essa trilha, as incubadoras de Economia Solidária passaram a integrar duas redes nacionais, como estratégia de fortalecimento e intercâmbio de experiências. São elas: a Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (Rede Unitrabalho), criada em 1996; e a Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPs), criada em 1998. No total, as duas redes aglutinam mais de cem incubadoras no Brasil.

No tocante à avaliação das ações desenvolvidas pelas ITCPs, pesquisas realizadas junto ao Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Cooperativas (Proninc) avaliaram tais ações em dife-

3

³ O PRONINC foi criado em 1998, porém, a partir de 2003, com a criação da Senaes/Ministério do Trabalho e Emprego, passou a ser executado com regularidade. Seu principal objetivo é apoiar e fomentar as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) para que estas realizem a incubação de empreendimentos de economia solidária (EES), fornecendo também assessoria, qualificação, assistência técnica. Mais informações estão disponíveis pelo: < http://base.socioeco.org/docs/proninc_relatorio2017.pdf > Acesso em 15.jul.2019

rentes momentos, sendo a primeira delas ocorrida entre 2005 e 2007 (coordenada pela Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE); outra entre 2010 e 2011, pelo Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano – IADH) e a mais recente, realizada entre 2016-2017, pelo Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Soltec/UFRJ) – e todas estão disponíveis na internet e são importantes subsídios para a presente pesquisa.

Em concordância com os organizadores da última pesquisa avaliativa do Proninc (ADDOR; MENAFRA, 2018), este programa pode ser considerado como uma das políticas públicas mais relevantes do campo da formação e assessoramento técnico em economia solidária no contexto atual, pois é uma das poucas que teve continuidade após 2015, quando a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) deixa de existir (tornou-se subsecretaria), e com ela o próprio Ministério do Trabalho e Emprego, extinto pelo atual governo, em 2019.

A seguir, serão destacadas as incubadoras cearenses, com informações gerais sobre os perfis organizacionais e áreas de atuação.

As Incubadoras cearenses

O Ceará abriga quatro Incubadoras, todas ancoradas em universidades públicas. A mais antiga delas, a Incubadora de Cooperativas Populares de Autogestão, foi criada em 1999, pelo Prof. Osmar de Sá Ponte Júnior, do Departamento de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, capital do Estado.

Quase uma década depois, em 2007, impulsionada pela expansão das políticas de apoio e fomento à Economia Solidária, foi criada a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários (IEES), na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), situada em Sobral (Região Norte, distante 230km da capital), pelo Prof. Francisco Guedes, do Curso de Administração. Na sequência, a Iteps, no então Campus Avançado da Universidade Federal do Ceará no Cariri, hoje Universidade Federal Cariri (UFCA), em Juazeiro do Norte, na região sul (a 500km da capital), oficialmente criada em 2009, pelos Professores Jeová Torres Jr. e Eduardo Vivian da Cunha, ligada ao Curso de Administração Pública. E, a mais recente, fruto de mais um edital do Proninc, a Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (Intesol), criada em 2013, sob a coordenação da Prof^a Clébia Freitas, do Curso de Agronomia, da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), em Redenção (município da Região Metropolitana de Fortaleza, distante cerca de 60km da capital).

Com o fito de visualizar a caracterização do perfil organizacional das Incubadoras, o Quadro 1 condensa informações gerais de cada uma.

Quadro 1. Caracterização das Incubadoras de Economia Solidária no Ceará

INCUBADORA	ANO DE CRIAÇÃO	MUNICÍPIO	UNIVERSIDADE/ SEDE	INSTITUCIONALIDADE
Incubadora de Cooperativas Populares de Autogestão	1999	Fortaleza	Universidade Federal do Ceará, no Campus do Pici	Núcleo vinculado ao organograma da Pró-reitoria de Extensão
Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários	2007 (pelo edital Proninc)	Sobral	Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), no Campus Betânia	Núcleo vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura, com registro em Portaria nº276/2013, como Laboratório Associado de Extensão, Ensino e Pesquisa,
Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários	2009	Juazeiro do Norte	Universidade Federal do Cariri (UFCA), Campus Juazeiro do Norte	Núcleo de conhecimento ligado ao Curso de Administração Pública, Programa de Extensão e Grupo de Pesquisa (DGP/ CNPq)
Incubadora Tecnológica de Economia Solidária	2013 (pelo edital Proninc)	Redenção	Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab)	Núcleo vinculado ao Instituto de Desenvolvimento Rural, mas está elaborando um documento com proposta de vinculação à Reitoria

Fonte: Elaboração própria, com dados da pesquisa de campo

Conforme se observa, há diversas denominações quando se trata de incubadoras de empreendimentos solidários. Enquanto algumas acionam a dimensão tecnológica (aqui pensada em termos de tecnologia social e também afirmando a denominação da Rede de ITCPs), outras enfatizam a autogestão e o cooperativismo popular. Porém, há pontos convergentes: todas estão ligadas a instituições públicas de ensino superior e afirmam uma perspectiva crítica ao sistema hegemônico, desenvolvendo projetos com diversos públicos, dentre eles, os agricultores familiares em transição agroecológica, mulheres beneficiárias de programas sociais, entre outros segmentos, como é o caso dos integrantes das cooperativas sociais assessoradas pela ICPA/UFC, cuja atuação integrou pessoas vinculadas aos Centros de Atenção Psicossocial e pacientes soropositivos (COOPCAPS e COOPVIDA, respectivamente).

Esta incubadora possui atuação fortemente influenciada pelo contexto urbano, enquanto as demais priorizam o espaço rural, e, em razão disso, dialogaram com outros segmentos produtivos, tais como o artesanato, a criação de pequenos animais em quintais produtivos, entre outros.

Em relação à institucionalidade, conforme pode ser verificado no Quadro 1, apenas uma delas, a IEES/UEVA, possui portaria que a vincula à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, enquanto as demais são caracterizadas como “núcleos”, agregando programas e/ou projetos com ações de extensão, ensino e pesquisa.

Outro ponto em comum é que todas acessaram recursos oriundos do Proninc, em diferentes ciclos e, em sua maioria, priorizam a implementação de ações de extensão, engajando estudantes e docentes de distintas áreas, assim como técnicos (alguns destes egressos dos cursos de graduação

ou pós-graduação).

Conforme expuseram os coordenadores das incubadoras durante o II Seminário Cearense de Economia Solidária, realizado em dezembro de 2019, na Universidade Federal do Ceará, há um contexto desafiador para a Economia Solidária, e de modo particular, para a continuidade das ações das incubadoras, devido às recentes mudanças nas gestões superiores das universidades e aos cortes de recursos públicos tanto no ensino superior quanto na área tecnológica. Na ocasião, houve consenso com relação a necessidade de maior integração, visando ações coletivas para o fortalecimento das incubadoras no Ceará.

A seção a seguir traça a trajetória institucional da Iteps/UFCA.

A TRAJETÓRIA DA ITEPS/UFCA

A noção de trajetória é aqui empregada segundo Gussi (2008), com o intuito de realçar a multidimensionalidade na avaliação de políticas públicas, buscando ampliar e aprofundar o horizonte metodológico da avaliação, para além de uma visão meramente tecnicista.

Desse modo, recompõe o processo de criação, com a participação de diversos atores e instituições sociais, assim como a metodologia desenvolvida e os empreendimentos incubados entre 2009 e 2019.

O processo de criação e suas primeiras ações

A Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários (Iteps) se auto define como um núcleo de conhecimento vinculado ao Curso de Administração Pública e Gestão Social da Universidade Federal do Cariri (UFCA), cujo processo de criação iniciou em 2008, tendo sido concluído em 2009, com apoio de um projeto aprovado junto ao Escritório Técnico de Estudos e Pesquisas sobre o Nordeste (ETENE) do Banco do Nordeste do Brasil.

Institucionalmente, a Iteps se constituiu como um programa de extensão e também como Grupo de Pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que agrega docentes e discentes de graduação e pós-graduação, bem como técnicos, de acordo com a diversidade dos processos de incubação e também com a disponibilidade de recursos financeiros, captados mediante elaboração de projetos.

Conforme relembra Cunha (2013, p.15), atual coordenador da Iteps, o início das ações de incubação ocorreu no segundo semestre de 2009, quando esta desenvolveu a incubação de três projetos: a Associação de Catadores do município de Barbalha, com apoio da prefeitura; a Cooperativa de Crédito do Crato, com agricultores familiares; e a Associação de Micro e Pequenos Empreendedores do Bairro Salesianos (Asmipesal), em Juazeiro do Norte, que depois assumiu outra personalidade jurídica: o Centro de Desenvolvimento Comunitário das Timbaúbas (CDCT), que abrigou o projeto de um banco comunitário.

De acordo com a análise dos relatórios e publicações, a Iteps atua em diversos segmentos sócio-produtivos, entre os quais se destacam: a agricultura familiar de base agroecológica, o artesanato e as finanças solidárias. Suas principais ações estão voltadas ao incentivo do associativismo e do cooperativismo, atuando no apoio à realização de feiras, atividades formativas e também junto aos fóruns e redes que agregam empreendimentos econômicos solidários e suas entidades de apoio e fomento, a exemplo do Fórum Caririense de Economia Solidária (Focaes).

Mas, afinal, como acontece a incubação desenvolvida pela Iteps?

A concepção teórico-metodológica da incubação em economia solidária na Iteps

Nos registros das ações da Iteps divulgados em duas publicações e também de acordo com afirmações da coordenação, suas intervenções buscam viabilizar a geração de trabalho e renda de modo alternativo ao modelo hegemônico do mercado econômico, através do fomento e fortalecimento de empreendimentos solidários e/ou a redes locais de empreendimentos, com foco na autogestão e no desenvolvimento sustentável. Assim, a metodologia de incubação seria exercida como uma ação dialógica que adota práticas de educação popular, em que os integrantes dos empreendimentos participam de processos de formação voltados ao desenvolvimento das suas próprias capacidades, combinadas com conhecimentos técnicos e acadêmicos, de acordo com as necessidades identificadas quando da elaboração do plano de incubação, no momento de aproximação do EES.

Em geral, a incubação é planejada para durar em média dois a três anos e trata-se de um processo dialógico que envolve conteúdos considerados basilares, envolvendo aspectos sócio-técnicos, tais como relações interpessoais e também aspectos ligados à gestão, precificação, embalagens etc. Considerando que os sujeitos devem ser partícipes no processo de construção dos conhecimentos, aproximando e horizontalizando a relação entre saberes acadêmicos e populares, adota-se uma pedagogia em que todos os integrantes são sujeitos ativos do processo e não meros receptores, tal como preconiza a educação popular, de inspiração freireana (FREIRE, 1996). Independentemente do nível de escolaridade (incluindo os não letrados), cada sujeito tem sua leitura de mundo própria, construída ao longo de suas experiências, que são fundamentais no processo de incubação.

Desse modo, o roteiro metodológico para o processo de incubação segue três etapas: a pré-incubação, a incubação propriamente dita e a desincubação, as quais, se desdobram em seis eixos: Diagnóstico, Planejamento, Formação, Acompanhamento, Sistematização e Divulgação dos resultados, abordados adiante.

Tais eixos assumiram tal configuração após serem redefinidos em 2016, durante planejamento realizado pela equipe da Iteps, à época, composta por sete docentes, dos cursos de Administração (1), Administração Pública (4), Design de Produto (1), e Jornalismo (1), sendo dois destes responsáveis pela coordenação, ambos com formação em Ciências Sociais, juntamente com os discentes e técnicos integrados aos eixos de atuação, a saber:

- ü Coordenação;
- ü Comunicação;
- ü Pesquisa e formação;
- ü Articulação institucional;
- ü Produção;
- ü Finanças solidárias.

Em relação ao perfil dos docentes, é uma equipe que pode ser considerada jovem e engajada, com idade que varia de 35 a 46 anos de idade, todos com atuação comprovada (mediante curriculum Lattes) junto a grupos e movimentos populares, com destaque para os seguintes: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, Economia Solidária, Agroecologia, Catadores de Materiais Recicláveis, Economia Criativa e Gestão Social. Em relação ao gênero, quatro são do sexo masculino e três do sexo feminino, sendo que, no tocante à escolaridade, dois possuem doutorado concluído (um em

⁴ As publicações estão disponíveis para consulta, no seguinte endereço: <http://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/incubacao-em-economia-solidaria-contextos-desafios-e-perspectivas/> acesso em 29.set.2019.

⁵ Há diversas metodologias que podem ser aplicadas, dentre elas, o Mapa falante (utilizado em processos de diagnóstico participativo, para mapear problemas e possíveis soluções), o Carrossel Pedagógico (ideal para trabalhos em grupos sobre temas diversos), etc.

⁶ O perfil dos discentes é bastante variado, com bolsistas dos cursos de Administração, Administração Pública, Agronomia, Jornalismo, Engenharia de Materiais, Engenharia Civil, entre outros.

Administração, pela UFBA e a outra em Sociologia, pela UFC); três são doutorandos (dois em Desenvolvimento Sustentável, pelo CDS/UnB e uma em Educação, pela UFRN) e os demais possuem Mestrado nas áreas de Desenvolvimento e Gestão Social, pela UFBA e em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema), pela UFC.

Conforme se observa, a Iteps possui uma equipe com perfil multidisciplinar, que no decorrer de uma década conseguiu articular uma plataforma de parcerias, tanto interna quanto externamente, envolvendo entidades governamentais e da sociedade civil, ampliando e fortalecendo suas ações nos territórios em que atua.

Sobre as parcerias internas, destacam-se as seguintes: i) Programa Institucional de Extensão na área de Trabalho, Políticas Públicas e Economia Solidária; ii) Programa de Extensão Cariri Criativo; iii) Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social; iv) Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial; v) Núcleo de apoio à Gestão das Entidades Sociais e vi) Laboratório Interdisciplinar de Jogos Colaborativos.

Externamente, há várias parcerias firmadas na região, entre as quais podem ser citadas: a Escola de Saberes de Barbalha (ESBA), a Escola de Políticas Públicas e Cidadania Ativa do Cariri (EPUCA); o Coletivo Camaradas, o Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES), a Cáritas Diocesana do Crato, a Associação Cristã de Base e a Sociedade de Poetas de Barbalha.

Ainda com relação às parcerias, em nível mais amplo, merecem relevo aquelas relacionadas aos editais de apoio e fomento captados pela Iteps. Nesse sentido, a listagem a seguir apresenta os dados, de acordo com a pesquisa realizada por Barros (2018), estudante egressa da Iteps:

1. ETENE / Banco do Nordeste: Projeto implementado entre 2008 e 2012.
2. PROEXT/MEC: Programa de Extensão Universitária, implementado em:
 - ü 2011 – Projeto: Inclusão produtiva por meio da constituição de um Banco Comunitário de Desenvolvimento;
 - ü 2012 – Projeto: Promoção do Desenvolvimento Local (para constituição de uma Rede Local de Economia Solidária e Comércio Justo e Solidário na Região do Cariri);
 - ü 2013 – Programa: Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários e Fomento à Economia Criativa na Região do Cariri.
3. PRONINC/REDES (chamada pública MCT/FINEP/ação transversal – PNI/PRONINC 03/2009). Projeto Incuba-Redes: Formação de Redes de Incubação para o fortalecimento de redes locais de economia solidária (executado em parceria com a ITES/UFBA e a Incubadora de Empreendimentos Solidários - Universidade Federal de Uberlândia - INES/UFU).
4. PRONINC (chamada MCTI/SECIS/MTE/SENAES/CNPq N° 89/2013): Programa: Desenvolvimento e Implantação de Metodologias de Incubação a partir da ITEPS/UFCA.
5. PRONINC (Chamada CNPq/MTb-SENAES N° 2 7/2017): Programa: Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários para o Desenvolvimento Sustentável do Cariri Cearense.
6. PROEX/UFCA Ampla Concorrência (2009–2019): edital interno anual destinado a ações, projetos e programas de extensão vinculados a Pró-Reitora de Extensão da UFCA.
7. PEEEX/UFCA (2016-2017): edital interno anual destinados a projetos de extensão vinculados a Pró-Reitora de Extensão da UFCA, articulando ações de extensão e práticas de ensino.

Conforme se observa, ao todo, foram sete editais, com fontes de recursos oriundas de diversas instituições públicas, dentre elas, o Ministério da Educação (MEC), o Ministério do Trabalho e Emprego, ambos por intermédio da Senaes, e o Banco de Desenvolvimento do Nordeste (BNB), com o

primeiro projeto, financiado pelo ETENE.

Outro aspecto importante diz respeito à pós-graduação. E, nessa direção, salienta-se a criação do curso de Especialização em Inovação Social em Economia Solidária, em 2017, sendo esta uma iniciativa pioneira no Nordeste. Outra ação interna desenvolvida ocorreu junto ao Programa de Ensino e Extensão (PEEX), acima citado, com as primeiras ações no sentido de formalizar a integralização da extensão nas atividades de ensino. Neste caso, na disciplina de Socioeconomia e Economia Solidária (64h/a).

O próximo item aborda os dados referentes ao mapeamento dos grupos e empreendimentos incubados pela Iteps.

Mapeamento dos grupos/empreendimentos incubados

O Quadro 2 contém uma síntese dos processos de incubação realizados pela Iteps e dimensiona alguns resultados, em termos da diversidade de públicos e do alcance de sua atuação, a partir dos seguintes pontos: segmentos de atuação, perfil dos trabalhadores, organizações parceiras e situação atual:

Quadro 2. Mapeamento dos grupos/EES incubados pela Iteps (2009-2019)

EES	SETOR	MUNICÍPIO	PARCEIROS	SITUAÇÃO ATUAL
Associação de Catadores de Recicláveis de Barbalha	Catadores	Barbalha	Proninc (recursos do CNPq), Prefeitura e Cáritas Regional	Encerrado
Associação Engenho do Lixo	Catadores	Juazeiro do Norte	Proninc (recursos do CNPq) e da Cáritas Regional	Encerrado
Associação de Catadores/as de Juazeiro do Norte	Catadores	Juazeiro do Norte	Proninc (recursos do CNPq) e da Cáritas Regional	Encerrado
Cooperativa de Crédito do Crato	Agricultores Familiares	Crato	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Encerrado
Rede de catadores da Região do Cariri	Catadores	Barbalha e Juazeiro do Norte	Proninc (recursos do CNPq) e Cáritas Regional	Encerrado
Banco Comunitário no Centro de Desenvolvimento Comunitário das Timbaúbas	Trabalhadores urbanos autônomos	Juazeiro do Norte	Proninc (recursos do CNPq), junto com Projeto desenvolvido pela ITES UFBA (parceria Senaes)	Encerrado
Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES)	Representantes de EES, entidades de apoio e gestores públicos	Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha	Proninc (recursos do CNPq). Há um Projeto em curso com a Prefeitura do Crato e a Cáritas Regional	Em andamento
Rede de Empreendedores Criativos do Cariri	Artesãos	Crato	Proninc (recursos do CNPq)	Parceria pontual
Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri	Agricultores familiares	Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Parceria pontual
Núcleo de Assessoria de Comunicação em Economia Solidária	Diversos, nos meios rural e urbano	Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha	Proninc (recursos do CNPq)	Encerrado
Quintais Produtivos	Agricultores familiares	Crato e Barbalha	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Em andamento
Café Cariri Encantado	Agricultores familiares	Barbalha	Proninc (recursos do CNPq)	Parceria pontual
Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar	Agricultores familiares	Barbalha	Proninc (recursos do CNPq)	Em andamento
Projeto Acontece no Terreiro	Trabalhadores urbanos autônomos	Alto da Penha (Crato)	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Parceria pontual
Trocaria do Gesso (Trocas solidárias)	Trabalhadores urbanos autônomos	Comunidade do Gesso (Crato)	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Parceria pontual
Loja colaborativa	Diversos	UFCA Juazeiro do Norte	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Em andamento
Projeto Mulheres do Baixio das Palmeiras	Agricultoras familiares	Baixio das Palmeiras, Crato	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Parceria pontual
Rede de Permacultores do Cariri	Diversos	Crato, Juazeiro e Barbalha	Proninc (recursos do CNPq) e Proex	Em andamento

Fonte: Elaboração própria (adaptado de dados contidos em relatórios Proninc/CNPq e Proex/UFCA).

Conforme se observa, há diversos grupos/empreendimentos que passaram pelo processo de incubação (18, no total), e outros que permanecem sendo incubados (aqui considerados aqueles com situação “em andamento” ou “parceria pontual”. Destaca-se a atuação territorial nos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, com uma diversidade de segmentos produtivos nos meios rural e urbano, entre os quais, podem ser ressaltados os catadores de recicláveis, agricultores familiares

e artesãos. Em termos de número de trabalhadores envolvidos, há uma variação considerável, a depender do tipo de grupo/EES, desde oito a cinquenta pessoas. Os maiores quantitativos se referem à organização de redes de EES – caso dos catadores, artesãos e agricultores familiares.

A presente categorização em que se vê a palavra “encerrado” merece uma reflexão - caso dos EES ligados ao segmento de catadores, por exemplo. Geralmente, isso ocorre quando o docente responsável pelo eixo produtivo não está ativo na Iteps. Neste caso específico, desde 2016 há docentes afastados para cursar pós-graduação (Doutorado), o que tem acarretado a desarticulação ou distanciamento de alguns grupos/EES, dentre os quais, além dos catadores, aqueles ligados à área da comunicação. Nesse sentido, para que os grupos/EES sejam efetivamente acompanhados, a disponibilidade dos docentes é fundamental, principalmente pela motivação exercida na equipe técnica, nos estudantes, nos trabalhos em campo, diretamente com os grupos/EES e demais atividades próprias do processo de incubação. Eis aqui um dos desafios a serem superados, pois a equipe de trabalho permanente é bastante reduzida, recebendo reforço mediante acesso a recursos dos editais de fomento, quando ocorre seleção de bolsistas (estudantes) e técnicos. Assim, em 2017 e 2018, contou-se com uma equipe composta por dez bolsistas – número considerável, para o contexto de retração das políticas de apoio – com recursos captados externa e internamente, advindos do Proninc/CNPq e da Pró-reitoria de Extensão, respectivamente.

Entre 2009 e 2019, foram disponibilizadas pela UFCA cerca de 40 bolsas, no valor de R\$400,00 cada (média de 4 bolsas anuais, concedidas por um período de 9 meses). Em relação ao Proninc, um diferencial importante no último edital foi a possibilidade de contratação de bolsistas técnicos com reconhecida experiência, sem vínculo ativo com a universidade. Tal abertura permitiu arregimentar profissionais integrados às comunidades, bem como incorporar estudantes recém-saídos da universidade. Os valores das bolsas variavam entre R\$550,00 (bolsistas de extensão) e R\$1.100,00 (bolsistas técnicos), sendo que neste último edital os recursos captados ficaram em torno de cem mil reais, com uma meta de 7 EES e 160 pessoas.

Embora a incubação em economia solidária esteja fortemente vinculada à prática da extensão universitária, esta não se desprende das ações de pesquisa e de ensino. Nessa perspectiva, como forma de fomentar a pesquisa a partir da extensão, a Iteps se constitui como grupo de pesquisa (certificado pelo CNPq desde 2014), tendo atuado em pesquisas amplas, a exemplo do segundo mapeamento nacional de empreendimentos solidários, realizado pela Senaes/MTE, entre outras ações. E, na área do ensino, os docentes vinculados à Incubadora ofertam as disciplinas de Gestão e Incubação em Empreendimentos Econômicos Solidários, incluída na matriz curricular do Curso de Administração Pública, como optativa, e também a disciplina de Socioeconomia e Economia Solidária (obrigatória). Outra ação neste campo é o acolhimento de estudantes para estágio em várias modalidades, vindos de diferentes cursos, interessados em compreender melhor sobre concepções e práticas em economia solidária, educação popular etc.

No tocante à sistematização e publicação dos resultados, as ações desenvolvidas pela Iteps costumam ser registradas em diferentes meios (relatórios, fotografia, vídeos etc.) e divulgadas em artigos acadêmicos, relatos de experiências e capítulos de livros. Neste quesito, foram publicados dois livros (já citados anteriormente) e, algumas ações de incubação foram a base para artigos publicados em congressos e periódicos, trabalhos de conclusão de curso na graduação, especialização e dissertações de mestrado.

No que se refere à sistematização, importa salientar que esta é adotada como um processo fundamental na construção coletiva de conhecimento, indo além do registro e da preservação da memória

das atividades, que são igualmente fundamentais. Nas palavras de Holliday (2016) sistematizar é, sobretudo, construir conhecimento partindo das experiências das pessoas, visando a transformação de realidades. E, por ser este um ato pedagógico por excelência, está na base das práticas de incubação.

UM MOSAICO EM CONSTRUÇÃO: UMA APRECIÇÃO SOBRE AS AÇÕES EFETIVADAS PELA ITEPS/UFCA À LUZ DE UM CASO EMBLEMÁTICO

Uma vez recuperada a trajetória da Iteps, a construção de um mosaico (arte milenar realizada pela colocação de pequenos fragmentos de pedras, granitos e materiais similares), remete ao sentido metafórico do dinamismo próprio das incubadoras de economia solidária; assim, os múltiplos pedaços, que juntos formam um todo integrado, simbolizam os diferentes atores sociais enredados neste processo, a saber: trabalhadores/as dos empreendimentos, docentes, estudantes das universidades, técnicos/as das entidades de apoio e fomento governamentais e da sociedade civil, com seus distintos saberes e interesses.

Nessa perspectiva, será abordado a seguir um caso emblemático de incubação, entre os mais recentes, vivenciado com o Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar de Barbalha (Gestraf Barbalha), buscando captar e analisar as percepções de alguns integrantes do grupo com relação ao trabalho desenvolvido pela Iteps.

Os primeiros pactos firmados e a elaboração do Plano de Incubação

A relação do Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar de Barbalha (Gestraf) com a Iteps teve início em 2014, mediante aprovação de um projeto com o CNPq (Edital 89/2013), com foco no desenvolvimento de redes de Economia Solidária. O Gestraf, neste caso, se constitui como um dos elos da Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri – instituída em 2015, com apoio do Edital do Proninc.

O Gestraf foi criado anteriormente, em 2011, com o intuito de oportunizar um espaço de geração de trabalho e renda para os agricultores familiares, tendo os princípios da agroecologia e da economia solidária como eixos norteadores. Conforme narrativa de seus articuladores, o grupo teria surgido como um dos resultados de um processo de formação em Economia Solidária, realizado pela Empresa Técnica em Extensão Rural (Ematerce).

A aludida atividade teve um papel relevante na composição do Gestraf, pois teria sido o ponto de partida que despertou os potenciais do grupo para a ação coletiva. Nesse sentido, outras instituições também foram mencionadas, o que permite inferir que tal organização sócio-produtiva é fruto de um processo que envolveu diversas entidades ligadas aos movimentos sociais, notadamente, associações de produtores rurais, o Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Barbalha, a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará (Fetraece), o Centro Vocacional Tecnológico, entre outros.

Desse modo, o plano de incubação considerou o histórico do grupo, elaborado mediante rodas de conversa, da qual participaram a equipe da Iteps e os integrantes do grupo. No momento posterior, foram identificadas as potencialidades e os limites de sua atuação, mediante aplicação de uma matriz que identificou fortalezas, fraquezas, ameaças e oportunidades. Desse diagnóstico participativo, foi gerado o plano de trabalho, com expectativa de duração de dois anos. Na sequência, o acompanha-

mento semanal, denominado de “acompanhamento sistemático”, aprofunda o relacionamento com o grupo e ocorre durante o primeiro ano. Posteriormente, com o amadurecimento do empreendimento, o acompanhamento torna-se mais espaçado, preparando a fase designada de “desincubação”.

O acompanhamento sistemático e as vivências

Os encontros seguiam um roteiro que iniciava com uma mística de abertura, com os participantes em círculo, de mãos dadas, com o objetivo de criar um momento de chegada, que combina concentração, empatia e também leveza. Geralmente, conduzido com apoio de uma música, uma poesia, um cordel ou o entoar de um mantra. Na sequência, com uso de papéis e pincéis diversos, cartazes são elaborados com a síntese dos pontos discutidos e encaminhados. Diante de uma divergência, os dois pontos de vista constavam do relato, até que se chegasse a um consenso que balizaria uma determinada tomada de decisão (participar, ou não de um evento; buscar parceria com o poder público, etc.). No caso específico da gestão da feira, foi criada uma equipe de articulação, responsável pela mobilização do grupo para participar dos encontros, bem como a interação mais próxima com a equipe da Iteps.

Nesse sentido, um grupo de *WhatsApp* foi criado, tendo facilitado sobremaneira a circulação de informações, em que pesem os desafios do acúmulo de postagens aleatórias, fora dos propósitos do grupo.

O Gestraf participou ativamente de todo o processo de construção da Rede FASOL, estando presente nas edições ocorridas entre 2016 e 2017. Porém, alguns questionamentos vieram à tona no momento de avaliação das feiras, principalmente em relação à regularidade da comercialização, pois as feiras em rede demandam uma infraestrutura que implica recursos diversos (transporte, iluminação, som etc.), que se não forem subsidiados, inviabilizam a proposta. Assim, a Iteps passou a atuar mais de perto com os elos da Rede, em separado, colaborando para o seu fortalecimento nas comunidades em que estão inseridos, apoiando a realização de feiras locais, visando a regularidade e despertando o potencial endógeno dos territórios, e as feiras-evento deixaram de ser o foco, embora tendo sido mantida a participação nas feiras regionais já incorporadas na dinâmica da grupo, a exemplo da Exproaf (Exposição de Produtos da Agricultura Familiar), realizada pela Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA) do Governo do Estado do Ceará.

Em outubro de 2017 o Gestraf recebeu uma proposta para integrar as atividades da Escola de Saberes de Barbalha, com a realização de uma feira semanal, aos finais de semana.

Segundo narraram os articuladores do grupo, a proposta foi direcionada ao grupo pelo então diretor da Escola, o cineasta Rosemberg Cariry, com o intuito de movimentar o espaço, localizado no Centro histórico da cidade de Barbalha. Nas palavras de uma das articuladoras: “O convite foi desafiador porque até aquele momento o grupo realizava apenas feiras itinerantes nas comunidades e tinha participado de duas edições das feiras em rede [Rede Fasol], além de ter poucos recursos”. Uma vez aceito o desafio, houve o envolvimento do grupo, em regime de mutirão, para limpeza e adequação do espaço, juntamente com a construção das mesas com paletes (doados por um parceiro local), que foram a primeira infraestrutura para expor a produção no ponto fixo de comercialização solidária. Mais uma vez estavam presentes os integrantes da equipe da Iteps, colaborando com o processo. Neste caso, planejando e acompanhando cada etapa, desde a definição dos tipos de produtos e sua disposição na feira (embalagens, informações ao consumidor etc.), sua precificação, organização do fluxo de caixa, entre outras.

A feira semanal passou a ocorrer às sextas-feiras e sábados, das 7:30 às 13:30h, o que implicou um aumento expressivo, pois o grupo passou de uma feira mensal para cerca de dez feiras ao mês.

⁷ Para mais informações ver o artigo: A mística: parte da vida e da luta. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>

⁸ Mais informações sobre a tipologia das feiras de economia solidária e suas características estão disponíveis no livro A Comercialização Solidária no Brasil, publicado pelo Instituto Marista de Solidariedade, em 2015.

Esta ampliação repercutiu na produtividade e na renda, o que requereu reorganizar a produção, que foi ampliada de 30% a 40%, entre alimentos, artesanato e peças de vestuário. A renda atual varia de ½ a um salário mínimo – à primeira vista, pode ser considerada baixa, mas, avaliando as adversidades do contexto local, compõe uma parte significativa do orçamento familiar, principalmente, para as mulheres chefes de família.

Todas as quartas-feiras pela manhã (com raras exceções) o grupo passou a se reunir no primeiro piso da ESBA, para avaliar a feira e planejar as próximas, tendo em mente o cronograma mensal e a compatibilização com outras agendas locais (reuniões diversas, principalmente, o movimento sindical rural e nas associações; os festejos populares, a exemplo da festa de Santo Antônio, que atualmente é considerada patrimônio imaterial da cidade e que mobiliza muitas pessoas da região).

Sobre o percurso formativo, para dar uma noção mais aproximada dos temas trabalhados, destacamos os seguintes: Introdução à Agroecologia e a Economia Solidária; Conservação Ambiental; Tecnologia para manejo de sementes crioulas; Noções básicas de Gestão de EES; Tecnologias sociais: biodigestor de resíduos orgânicos; O papel da mulher na sociedade; Fundo rotativo solidário e Moeda Social.

Para conferir sustentação aos argumentos acima, serão agregados a seguir trechos emblemáticos das falas dos/as integrantes do Grupo Gestraf, em que estes responderam aos seguintes questionamentos: 1) Como você avalia o trabalho de incubação desenvolvido pela Iteps/UFCA (destaque aspectos positivos e negativos); 2) O que poderia ser melhorado? E, 3) Quais os principais frutos (resultados) desse trabalho?

A esse respeito, importa esclarecer que buscou-se diversificar os perfis dos interlocutores da pesquisa, aqui identificados com nomes de plantas nativas do Cariri, tendo priorizado: os articuladores do grupo (2: Aroeira e Pau D'Arco), bem como representantes dos segmentos produtivos de alimentação (2 Macaúba e Jatobá), artesanato (1 Angico) e cultura (1 Sabiá), num total de seis pessoas, sendo quatro mulheres e dois homens.

Analisando o conteúdo das falas, conforme Bardin (2011), tem-se os seguintes eixos e unidades citadas, sistematizados em dois quadros:

Quadro 3. Aspectos avaliativos destacados pelos/as interlocutores/as

EIXOS	ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
1. Formação	<p>“Participamos de muitas formações e isso agregou conhecimentos novos na nossa prática (Macaúba)”</p> <p>“Fizemos cursos e veio até gente de fora [outras universidades, no caso, a Unilab e IFCE] pra cá, trabalhar com a gente (Aroeira)”</p> <p>“As palestras foram importantes pra melhorar a produção e também as vendas (Angico)”</p>	<p>“Algumas pessoas não vinham participar das formações, mesmo sabendo que era importante e era compromisso. Preferiam ficar só produzindo” (Sabiá)</p>
2. Visitas Técnicas e Intercâmbio de Experiências	<p>“Visitamos locais de referência pra agricultura” (Pau d’Arco).</p> <p>“Conhecemos mais de perto o trabalho de cada um nas suas comunidades (Jatobá)”.</p> <p>“Os intercâmbios foram importantes porque nós vimos como fazer, na prática (Aroeira)”.</p> <p>“Teve agricultor do grupo que foi pro Rio de Janeiro, participar de intercâmbio, socializar a experiência daqui com os de lá (Sabiá)”.</p>	<p>“Nem todos podiam participar, no caso das viagens. Uns porque não podiam ficar longe de casa, por causa da família, outros porque não tinha recurso pras despesas, porque nem sempre o projeto tem como bancar isso” (Jatobá).</p>
3. Acesso a equipamentos e infraestrutura	<p>“O grupo teve acesso a vários equipamentos, desde barracas, mesas, cadeiras, até fogão, freezer e outros. Sem isso não teríamos conseguido chegar até onde estamos agora (Aroeira)”.</p> <p>“Teve várias coisas compradas pro café [Cariri Encantado] e também pra apoiar a feira (Pau D’Arco)”.</p> <p>“É muito importante a gente ter nossas próprias barracas, porque fica mais organizado (Macaúba)”.</p>	
4. Participação em eventos e inserção nos espaços de comercialização	<p>“Tivemos oportunidade de participar de muitos eventos, nas universidades daqui da região e também fora daqui: o Enapegs; as Feiras da Rede Fasol (Aroeira)”;</p> <p>“Foram vários eventos. Lembro que fomos pra Exproaf, no Crato, e pra Fortaleza, pro Feirão estadual (Sabiá)”.</p> <p>“Todos os momentos são importantes para o crescimento do grupo porque tivemos a oportunidade de conversar com outros grupos, trocar experiências e melhorar as vendas (Jatobá)”.</p>	<p>“Os atrasos no transporte”</p> <p>“Sempre tem aqueles que reclamam de tudo, mesmo que a gente se esforce ao máximo, como articulador, pra apoiar. Cada um tem que fazer a sua parte dar certo (Aroeira)”.</p>
5. Parcerias	<p>“As parcerias foram muito importantes desde o início do grupo, com a Ematerce, depois com a Iteps, agora por último com a Escola de Saberes, que cede o espaço pra gente fazer a Feira toda semana (Pau D’Arco)”.</p> <p>“A parceria com o sindicato [STTR Barbalha], que vem de longa data, e também com a Fetraece, com a Sociedade de Poetas (Aroeira)”.</p> <p>“A parceria com o Instituto Marista [IMS], que foi importante pra conquista do ponto fixo de comercialização (Jatobá)”.</p>	<p>“A universidade poderia ajudar mais, por exemplo a pegar a produção nas comunidades e trazer pra feira ou a gente poder levar os produtos pra vender lá mais vezes (Macaúba)”.</p> <p>“Ainda não tem diálogo com a prefeitura local, mesmo a gente já tendo ido muito atrás (Sabiá)”.</p>
6. Meio ambiente e agroecologia	<p>“Aprendemos como faz um biodigestor, com a professora que veio lá da Unilab (Jatobá)”.</p> <p>“As visitas nas comunidades fizeram o grupo refletir sobre como estavam implantando os princípios da agroecologia e alguns viram o que precisava ser mudado (Aroeira)”.</p>	<p>“Não foi fácil fazer as visitas porque o acesso às comunidades é difícil e só entra carro grande (Aroeira)”.</p> <p>“Para essas visitas contamos com o carro do sindicato (Sabiá)”.</p>

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo

Conforme se observa, os aspectos perpassam seis eixos interconectados, sendo expostos separa-

damente para fins analíticos. No primeiro deles, diretamente relacionado ao segundo, Formação e Visitas Técnicas e Intercâmbio de Experiências, observa-se que ambos os processos possibilitaram acesso a conhecimentos, de forma vivencial, tendo sido pontuada a baixa participação, em alguns casos. Na sequência, com relação ao “acesso a equipamentos e infraestrutura”, o grupo considerou um impacto importante, sem o qual não teria sido possível desenvolver suas atividades com a devida qualidade. Com relação à “participação em eventos e inserção nos espaços de comercialização”, estes foram considerados momentos importantes não apenas do ponto de vista econômico (pela melhoria da comercialização dos produtos), mas também pela troca de experiências com outros grupos e empreendimentos. O mesmo ocorre com relação à percepção sobre o papel das parcerias, que são consideradas fundamentais desde a criação do grupo e que precisam ser aperfeiçoadas. Nessa direção, se ressentem da falta de apoio por parte do poder público local, o que resulta num baixo acesso às políticas de apoio à agricultura familiar. Por fim o eixo “Meio ambiente e agroecologia”, citam os aprendizados ligados à transição agroecológica e mais uma vez colocam o desafio do transporte para efetivação de uma assistência técnica mais sistemática.

Por fim, é importante destacar o papel dinâmico exercido pelos articuladores do grupo e das organizações parceiras: o Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Barbalha, a Escola de Saberes de Barbalha e, mais recentemente, o Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social e o Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (Nedet).

Limites e desafios

Um primeiro ponto a salientar se refere aos desafios próprios das relações interpessoais entre os integrantes dos empreendimentos, que precisam ser cultivadas com atenção e cuidado, a fim de manter vivos os vínculos que os uniram. Por vezes, há conflitos de interesses e centralização de decisões, fazendo com que ocorra estresse entre algumas pessoas, dificultando o exercício da autogestão. Um desses pontos disparadores é a participação ativa nas reuniões, que fora definido pelo grupo como um dos critérios para participação nas feiras.

Nessa direção, um fator citado pelos integrantes do Gestraf como determinante para o baixo comprometimento com a participação nas reuniões semanais é a pouca disponibilidade de tempo, principalmente por participarem de outras feiras e de atividades inerentes aos respectivos processos organizativos ou de articulação política (reuniões com órgãos públicos e entidades de apoio, por exemplo).

Sabe-se que participação ativa no empreendimento é fundamental para que a gestão seja exercida com a devida co-responsabilidade. Assim, como afirma Lechat e Barcelos (2008), entende-se que a autogestão é “um processo em constante gestação que pode sofrer avanços, mas também retrocessos. Aprende-se o que é autogestão, praticando-a. É um processo que exige vigilância” (Ibidem, 2008, p.100).

Vigilância esta que deve ser observada também pela equipe da incubadora. Nessa direção, o desafio da gestão do tempo e da necessária compatibilização das múltiplas agendas institucionais, para que além do acompanhamento aos grupos haja espaço para a formação interna (como ação permanente), diálogo e troca de informações.

Outro ponto é a carência de um marco regulatório para os EES, fato que gera fragilidade no tipo de trabalho exercido, em termos da legislação trabalhista, principalmente no contexto de reformas nas legislações do trabalho e previdência. Inclusive, o grupo tem refletido sobre o tema e buscado atuar

junto à câmara municipal para implementar uma legislação de apoio à Economia Solidária, tomando como base a lei existente no Crato, porém, ainda sem sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recomposição da trajetória da Iteps/UFCA permite inferir que a incubação realizada nesses moldes, com estabelecimento de relações igualitárias entre os participantes do processo e a dialogicidade entre os saberes acadêmico e popular, impulsiona a sustentabilidade dos Grupos/EES, sendo esta entendida em suas dimensões econômica (geração de renda), ambiental (com atuação nas áreas de agroecologia e aproveitamento de resíduos), social (inclusão de trabalhadores tradicionalmente excluídos do acesso a políticas públicas e tecnologias sociais) e política (cooperação no processo de gestão coletiva e aperfeiçoamento da democracia interna).

No tocante aos limites, destaca-se que a Iteps ainda não possui personalidade jurídica própria, reduzindo sua autonomia na captação de recursos e gerando a intermitência dos projetos – não há custeio permanente de uma equipe técnica, provocando interrupção e/ou intermitência de alguns processos de incubação.

Conclui-se que a ITEPS tem cumprido um relevante papel na região do Cariri Cearense, tanto como entidade de apoio e fomento à Economia Solidária, quanto como programa universitário que desempenha ações articuladas com o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, favorecendo o despertar para uma cultura do trabalho associado de base autogestionária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCOVERDE, ACB e ALBUQUERQUE, CMP. Avaliação de impactos como modalidade de pesquisa qualitativa e problema de investigação: reflexões e resultados. **V Congresso Ibero-americano em Investigação Qualitativa**. Anais... Porto, Portugal, entre 12 e 14 de julho, 2016. Disponível em: <<http://proceedings.2016.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/issue/archive>> Acesso em 22.jul.2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, C. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DAGNINO, R. Elementos para uma avaliação das Incubadoras Universitárias de Cooperativas. **Otra Economía**, v. 6, n. 11, p. 184-197, jul.-dic. 2012.

FRANÇA FILHO, GC e CUNHA, EV. Incubadoras de Redes de Economia Solidária. In: CATTANI et al. (Orgs.). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUSSI, AF. Apontamentos teórico-metodológicos para avaliação de programas de microcrédito. **Revista de Avaliação de Políticas Públicas**. UFC, N°1, 2008, p. 29-37.

HOLLIDAY, O J. **La sistematización de experiencias, práctica y teoría para otros mundos posibles**. San José. Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, CEAAL Itermon Oxfam, 2014.

LECHAT, N M. P., BARCELOS, Eronita S. “Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários”. **Revista Katálisis**, vol. 11, no. 1, 2008, pp. 96-104. Editorial Universidade Federal de Santa Catarina.

RODRIGUES, L C. Proposta para uma avaliação em profundidade de políticas públicas sociais. In: **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Número 16 – Março de 2011, pág. 55 – 73. Disponível em: Acesso em: 20.mar de 2020.

SANTOS, AM e CRUZ, CM. Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: interdisciplinariedade articulando ensino, pesquisa e extensão universitária. **E-cadernos CES** [Online], 02 | 2008, Online since 01 December 2008, connection on 27 July 2019. Disponível pelo: < <http://journals.openedition.org/eces/1354>

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Ed. Fundação Per seu Abramo, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.